

ALCANÇAR SANSÃO

A man with a beard and dark hair, wearing a red toga, stands in profile facing left. He holds a large, round, weathered wooden shield in his left arm and a spear with a metal head in his right hand. He is standing in a field of tall, dry grass. The background is a hazy, mountainous landscape under a cloudy sky.

Princípios para o
ensino de mentes
obscurecidas

Danutasn Brown

Alcançar Sansão

Princípios para o ensino de mentes obscurecidas

Danutasn Brown

Para Jodi Jones e Karen Prince

Em memória de Andrew Agnew, perturbado por PTSD (Perturbação de Stresse Pós-Traumático) devido ao período passado nas Forças Especiais dos EUA, falecido a 1 de Março de 2021.



Maranathamedia.com

Março de 2020

Índice

A Questão da Guerra	5
Onde é que os israelitas arranjaram as armas?.....	6
Como lida um Pai com filhos que não confiam nem acreditam nele?	9
A visão bloqueada de um mundo em guerra	15
Deus Fala com Israel através das Lentes de Guerra	18
Como Julgares, Serás Julgado	21
Israel exige um rei.....	24
Continuamos em Pecado, para que a Graça possa abundar?	27
O Casamento ímpio de Sansão e o Estado Moral de Israel	29
Sansão mata mil com um maxilar.....	32
Assumir que Deus o tenha feito	35
Sansão em comparação com José	39

A Questão da Guerra

A questão surge repetidamente - porquê toda aquela violência no Antigo Testamento, a qual parece ser executada com a aprovação de Deus? Como podemos entender isto quando Jesus diz para “amar os vossos inimigos” e amá-los certamente não significa matá-los. É uma pergunta importante e uma resposta que Deus quer que obtenhamos. Gostaria de expôr alguns princípios antes de abordar a história do derramamento do Espírito do Senhor sobre Sansão e a posterior acção em que ele mata mil homens.

Quando analisamos a história das guerras e das lutas de Israel com os seus inimigos ao redor, devemos procurar a origem do problema. Aqui estão algumas questões importantes a recordar sobre os israelitas, aquando da saída deles do Egipto.

Eles assumiam constantemente que Deus não ia salvá-los ou mesmo que queria matá-los, mesmo tendo muitas provas de que Deus os estava a ajudar. Faltava-lhes fé no Seu plano:

E disseram a Moisés: “Por não haver sepulturas no Egipto, levaste-nos para morrer no deserto? Por que assim nos trataste para levar-nos para fora do Egipto? Não é esta a palavra que te falámos no Egipto, dizendo: 'Deixa-nos sozinhos, para que sirvamos aos egípcios? Porque melhor nos fora servir aos egípcios do que morrer no deserto”.

Então Moisés disse ao povo: “Não temais, ficai quietos e vede a salvação do Senhor, que Ele vos mostrará hoje; pois os egípcios que vistes hoje, não os vereis nunca mais. O Senhor lutará por vós, e vós tereis paz.” (Êxodo 14:11-14)

Depois deste evento, eles cantam uma canção de vitória que inclui a frase “O SENHOR é um homem de guerra; o SENHOR é o seu nome”. Será que os israelitas entenderam isto bem? Nós sabemos que os caminhos de Deus não são os nossos caminhos (Isaías 55:8-9), então quando Ele guerreia, não é como nós guerreamos. Era o plano de Deus tomar Canaã pela guerra? Será o Seu

plano para nós, reivindicarmos as promessas de Deus pela espada? Israel pensava que sim:

Eles não tinham confiado no poder de Deus a operar juntamente com os seus esforços na conquista da posse de Canaã; no entanto, agora eles contavam com a sua própria força para realizar o trabalho independente da ajuda divina. “Pecamos contra o Senhor”, clamaram eles; “subiremos e lutaremos, de acordo com tudo o que o Senhor nosso Deus nos ordenou”. Deuteronomio 1:41. Tão terrivelmente cegos ficaram eles pela transgressão. O Senhor nunca lhes tinha ordenado que “subissem e lutassem”. **Não era o Seu propósito que eles ganhassem a terra pela guerra, mas pela estrita obediência às Suas ordens.** (PP 283,3)

A obediência era a chave. Eles deveriam entender a lei como sendo crucial para a sua salvação e vir a amá-la através do conhecimento e do amor a Deus, o seu Pai. Isto exigiria uma compreensão de sua própria pecaminosidade, que sabemos não ser fácil para o coração humano “porque a mente carnal é inimizada contra Deus: pois não está sujeita à lei de Deus, nem pode estar”. (Rom 8:7)

Os israelitas não acreditavam realmente que Deus era misericordioso e bom e que iria cuidar deles. Ao primeiro sinal de dificuldade eles assumiram que Deus queria castigá-los. Essa desconfiança fez com que cometessem uma série de erros que os aprisionariam num falso paradigma por gerações.

Onde é que os israelitas arranjam as armas?

Quando os israelitas deixaram o Egito, eles não tinham armas. Eles não eram soldados treinados; não eram um exército. Como é que eles começaram a usar a espada? Embora não esteja explícito na Bíblia, há apenas um local onde eles poderiam ter conseguido armas - a partir do corpo dos soldados egípcios que

se afogaram na praia depois de perseguirem os israelitas na sua miraculosa travessia do Mar Vermelho.

Assim o Senhor livrou Israel naquele dia da mão dos egípcios; e Israel viu os egípcios mortos na praia do mar. (Êxodo 14:30)

Os israelitas tomaram uma decisão terrível naquele dia, quando decidiram tirar as armas dos corpos dos egípcios mortos. Eles deveriam ter pensado: “nós não somos soldados, não sabemos usar armas. O SENHOR nos conduziu até aqui e nos salvou sem que precisássemos de lutar. Deus nos prometeu Canaã, e Ele nos dará, sem que tenhamos de matar com as nossas próprias mãos”.

Mas por causa da desconfiança em Deus e da percepção de que Ele poderia abandoná-los a qualquer momento, para se defenderem, os israelitas pensaram: “mais vale prevenir do que remediar”. Vamos pegar nestas espadas só para prevenir. Pois Deus não é “um homem de guerra”? Sabemos que eles tinham desconfiança nos seus corações mesmo depois de Deus os ter salvo tão sobrenaturalmente:

No décimo quinto dia do segundo mês após a sua saída da terra do Egito, toda a congregação dos filhos de Israel murmurou contra Moisés e Arão no deserto:

E os filhos de Israel lhes disseram: “Oxalá tivéssemos morrido pela mão do Senhor na terra do Egito, quando estávamos sentados junto às panelas de carne, e quando comíamos pão à vontade; porque nos trouxestes para este deserto, para matar com fome toda esta assembleia”. (Êxodo 16:1-3)

Apenas dois meses e meio se tinham passado desde as grandes pragas do Egito, um período cheio de sinais e maravilhas surpreendentes, e já os israelitas pensavam que Deus não os ajudaria. Não admira que tenham pegado nas espadas para se defenderem! Deus deu-lhes o maná do céu para comerem, mas mesmo assim isto não foi suficiente. Eles chegaram ao ponto em que queriam apedrejar Moisés porque não havia água. A Bíblia nunca diz que eles oravam por água. Eles nem sequer pediram a Moisés para orar por

eles. Eles apenas assumem automaticamente que Deus quer matá-los. Moisés bate na pedra, um símbolo de Cristo, e a água é lhes dada.

E [Moisés] chamou o nome do lugar Massá (Tentação) e Meribá (Censura/Richa), por causa da censura por parte dos filhos de Israel e porque eles tentaram ao Senhor, dizendo: Está ou não o Senhor entre nós? (Êxodo 17:7)

É logo após esta ocasião infiel que Israel trava a sua primeira batalha com armas de fabrico humano. Amaleque ataca Israel e é claro que Israel não pensa em deixar a situação nas mãos de Deus para os salvar, mas vai lutar com suas próprias forças. Porém Israel não está treinado para a guerra. O que deve Deus fazer? Deve Ele abandonar o Seu povo porque eles não entendem os Seus caminhos, como crianças tolas que são? É assim que Deus é?

Não, Deus mais uma vez usa isso como uma oportunidade para tentar ensiná-los a confiar nEle, para tentar trazê-los de volta para Ele. Ele liga o sucesso deles na batalha com o erguimento dos braços de Moisés e o fracasso deles na batalha com o movimento de baixar os braços de Moisés. Deus trabalharia através da sua falsa concepção dEle, para tentar ensinar-lhes a obediência a Ele. Ele usaria algo que eles pudessem ver para encorajar a sua fé em coisas que eles não podiam ver.

Deus sabe que somente através da obediência eles terão vida e paz, e somente através da experiência de vida e paz, seguindo as ordens de Deus, eles virão a acreditar, confiar e ter fé nEle. Se Deus os abandonasse totalmente porque eles escolheram a guerra, eles nunca entenderiam. Isto chega ao ponto extremamente importante da capacidade de adaptação de Deus ao homem, contado maravilhosamente através da Ilustração do Caçador.

Como é que um Pai lida com filhos que não confiam nem acreditam nele?

Há uma grande ilustração que Fred Wright usa para ilustrar este dilema no seu livro *Contemplai o vosso Deus*. Isso realmente ajudou-me a entender como Deus pode ter-se sentido. Pode ser pertinente para qualquer situação em que as crianças estejam a ser influenciadas pelo mundo contra a vontade dos pais consagrados.

“Imagine uma pequena cidade localizada numa área onde animais selvagens, como ursos, veados, carneiros de montanha e vários grandes felinos, abundam. Como é de se esperar, a maioria dos homens da cidade são caçadores aficionados que nunca perdem a oportunidade de pegar nas suas armas e rastrear alguma caça.

Mas um homem era diferente. Ele tinha o amor de Deus no seu coração e matar os belos habitantes nas florestas e montanhas era contrário à sua natureza. Por isso, nunca foi visto em companhia dos homens que se afastavam para buscar as suas aventuras no sangue dos outros.

Por sua vez, eles ficavam perturbados com este homem estranho e nunca perdiam uma ocasião para tentar persuadi-lo a juntar-se a eles. Uma vez até lhe compraram uma esplêndida espingarda de caça pelo seu aniversário. Com a graciosidade cristã, ele gentilmente recusou o presente.

Isto naturalmente fê-los ressentirem-se, fazendo com que aqueles homens aumentassem a pressão sobre ele. Mas apesar disso, ano após ano, não houve nenhuma mudança nele. O único equipamento com que ele “caçava” era uma boa câmara.

Este homem tinha um belo filho, com o qual ele se preocupava em proteger da influência dos caçadores. Ele trabalhou incansavelmente para incutir nele o mesmo amor pela vida selvagem que ele próprio possuía, e ficou grato ao ver que estava a ter grande sucesso nessa direcção. Assim, o pai cuidava para

que o rapaz agisse de acordo com a sua maneira e não à semelhança dos caçadores.

Mas o pai não tirou a liberdade de escolha do rapaz. Quando ele finalmente chegou à idade adulta, ele tornou-se responsável por si mesmo e deixou de estar sob o controlo direto e disciplina do seu pai. Então ele recebeu um convite para passar algumas semanas fora de casa e, ansioso para conhecer um novo país, aceitou a oferta.

Este foi um plano inteligente dos caçadores, que levaram os seus filhos juntamente. Eles esperavam que os seus filhos tivessem uma influência maior sobre ele, quando ele estivesse longe do seu pai. Os rapazes incitaram-no a tentar caçar apenas uma vez para ver como ele gostaria. Sentindo que nenhum dano seria causado pela sua presença pessoal no local de exploração de caça, ele acompanhou-os.

A sua primeira reacção foi desfavorável mas, algo sobre o desafio, emoção e excitação o atraiu e logo ele se tornou um devoto entusiasta. Ele foi até à loja de desporto, seleccionou uma arma lindamente projectada e, no devido tempo, regressou com ela para o seu desanimado pai.

Ele tinha exercitado a sua escolha, e agora o pai foi confrontado com uma situação que exigia uma resposta. Como ele se relacionaria agora com essa mudança dos acontecimentos? Claramente o jovem tinha instituído em sua vida um curso contrário aos caminhos do seu pai e de Deus.

Para o pai do rapaz, como para Deus, a escolha recaía entre várias alternativas.

1. Deserdar o filho.

A primeira opção era rejeitar o filho, proibindo a sua entrada em casa e exigindo que ele seguisse o seu próprio caminho. A justificação para isso teria sido a certeza de que os princípios do pai e nunca poderiam harmonizar-se com os do filho.

2. Forçá-lo a sujeitar-se.

Outra alternativa teria exigido o uso da força para coagir o rapaz a render-se aos desejos e modo de vida do seu pai. Esta não foi a resposta por duas razões. Primeiro, o jovem já tinha alcançado a idade da independência, então teria sido impossível para o pai alcançar o resultado desejado de qualquer maneira. Mas, em segundo lugar, não fazia parte na natureza deste pai, assim como não faz parte do caráter de Deus, o uso da força. Para eles a única conduta aceitável é aquela que brota de um coração educado no amor.

3. Ignorar o problema.

Uma terceira alternativa era ignorar calmamente a mudança, fingir que a espingarda nunca tinha sido trazida para casa, agir como se tudo estivesse bem quando, na verdade, não estava. Mais uma vez, esta não era a saída, pois o pecado não pode ser ignorado. Nem o amor nem a justiça o permitirão. A iniquidade exige atenção. Uma resposta a ela será sempre dada, quer seja a de cativar pelo amor salvador ou uma reação vingativa de ódio destrutivo.

Tendo considerado e rejeitado cada uma destas possibilidades, o que restaria a este homem piedoso fazer? O que é que Deus faria na mesma situação?

Primeiro, o pai do rapaz reconheceu que o seu filho tinha-se colocado a si, às outras pessoas, animais domésticos e animais selvagens, numa posição de grande perigo. Sendo um caçador inexperiente e destreinado, ele tinha de aprender:

- A necessidade de olhar para além do alvo para garantir que não existiam edifícios, pessoas ou animais da quinta na linha do disparo;
- Como carregar a arma em segurança e como escalar através de cercas para que ele não atire sobre si mesmo ou nos seus amigos, como muitos já fizeram;

- O terrível potencial de um ricochete que põe em perigo a vida, a alguma distância à direita ou à esquerda do alvo original;
- Aproximar-se o suficiente do alvo para reduzir a possibilidade de apenas ferir o animal, o qual depois se arrastaria para sofrer uma morte prolongada.

Estas e outras questões, poderiam ser-lhe ensinadas a fim de salvar-se a si mesmo e aos outros, dos piores efeitos a que poderiam levar a sua escolha.

Embora o pai não pudesse mais livrar o jovem de pegar na arma, ele poderia, se permitido, dar as instruções necessárias para salvá-lo dessas graves consequências. Mesmo os animais selvagens se beneficiariam desse ministério salvador, pois, embora não pudessem ser salvos da morte, poderiam ser livrados de que a mesma fosse dolorosa e prolongada.

Como a resposta de Deus e daqueles que caminham com Ele será sempre o a de alcançar pelo amor salvador, há apenas uma conduta entre aquelas sugeridas acima que o Senhor ou este pai seguiria. Deus é por natureza um salvador. Assim também o pai é retratado nesta ilustração. Quando Deus é impedido de salvar pessoas numa área, Ele ainda exercerá o Seu poder salvador por qualquer forma que ainda lhe reste.

Assim, quando o pai do rapaz descobriu que os seus objetivos há muito perseguidos de livrar o jovem de usar armas tinham falhado, ele ainda reconheceu que havia muito que podia fazer para salvar o rapaz dos piores efeitos da opção que tinha tomado. Então, infelizmente, mas com terna dignidade, o pai chamou o filho à parte e falou com ele. Ele expressou desapontamento pelo jovem ter optado por aquele caminho, mas assegurou-lhe que respeitaria plenamente a sua decisão.

Ele gentilmente sugeriu que existiam perigos associados ao uso de tal arma, dos quais ele só poderia ser salvaguardado ao receber e obedecer a uma série de precauções específicas. O pai sugeriu que estava mais do que disposto a instruir cuidadosamente o filho nessas questões, para que ele fosse salvo de acidentes.

Este pai parece estar a instruir este jovem a ser um caçador. Mas, na realidade, ele está a aconselhar o rapaz que escolheu ser um assassino contra a vontade do seu pai, a ser prudente e misericordioso no uso de uma arma.



O filho, aliviado pelo seu pai não estar a condená-lo severamente, não demonstrou interesse em resistir a tal instrução. Em vez disso, ele expressou vontade de aprender. **Ao fazer isso, ele demonstrou a estranha peculiaridade do comportamento humano que se manifesta nos homens como uma relutância em obedecer a Deus, no que diz respeito aos mais elevados princípios da fé, mas permite-lhes seguir os Seus conselhos em níveis menores.**

Israel, por exemplo, não estava preparado para confiar plenamente em Deus deixando a espada de lado, mas aceitou e seguiu os Seus conselhos com relação às restrições destinadas a minimizar os seus males. Da mesma forma, o filho que tinha abandonado os princípios do pai a respeito da rejeição total

do uso armas de fogo, estava preparado para respeitar os seus conselhos no uso das mesmas.

Então o pai introduziu a sessão de treino enfatizando que nada do que ele estava prestes a fazer ou dizer indicava que ele tinha mudado de alguma forma.

Deus, que foi colocado na mesma posição pela determinação dos Seus filhos em pegar em armas de destruição, também advertiu solenemente que o Seu esforço para salvá-los dos piores efeitos, daquilo que eles escolheram, não indicava nenhuma mudança Nele, mesmo que Suas acções pudessem e tivessem sido interpretadas de outra forma.

“Eu sou o Senhor, eu não mudo.” (Malaquias 3:6)

“Jesus Cristo é o mesmo ontem, e hoje, e para sempre.” (Hebreus 13:8)

“...com quem não há mudança ou sombra de variação.” (Tiago 1:17)

Apesar do facto dos homens saberem que antes do pecado entrar Deus nunca destruiu e apesar destas solenes declarações de Deus de que nenhuma mudança jamais ocorreu nEle, os homens ainda olham para os Seus eternos esforços para salvá-los e interpretando-os como sendo as acções de alguém que se tornou como o próprio homem. [Salmos 50:21].

O pai, na nossa história, não teve que mudar os seus caminhos para instruir o filho a ser um bom caçador. Nem Deus teve de mudar os Seus caminhos para salvar Israel de ser um cruel guerreiro de espada. Nenhum dos dois tirou a vida. Estavam apenas empenhados em salvá-la. E quando isso não era mais possível de alcançar, eles tentaram salvar do máximo de sofrimento possível.

Agora suponhamos que um dos aldeões, o homem que mais se tinha empenhado em convencer o pai, teria por acaso descido a estrada quando esta sessão estava em curso. De demasiado longe para ouvir tudo o que estava a ser dito, ele viu o pai a instruir o filho na utilização de armas de fogo.

Que suposições este homem iria fazer? Que conclusões tiraria ele?

Ele nunca teve o espírito do pai e, portanto, nunca pôde entendê-lo. Portanto, não havia possibilidade de ele avaliar correctamente o que o pai estava a fazer. Em vez disso, ele teria interpretado o que ele via como uma prova segura de que o pai tinha mudado.

O homem ao assistir aquela cena, não perderia tempo e voltaria para os seus companheiros de caça, para anunciar a mudança do tal pai. Ele ter-lhes-ia dito que agora o tal pai era um deles, um caçador. Ele teria dado como prova aos seus ouvintes incrédulos, o que ele tinha visto do pai, realmente instruindo o rapaz no manuseio de armas.

O seu relato das acções físicas do pai era factualmente verdadeiro, pois era exactamente isso que ele tinha visto o pai fazer, mas as conclusões tiradas dessas evidências eram o oposto da verdade.

Assim como aquele pai foi mal julgado, assim também Deus foi”.

Páginas 328-333 de Behold Your God de F. T. Wright (1979)

Podemos ver o paralelo nesta história entre como o pai lidou com o seu filho e de como Deus teve de lidar com o Seu povo, à luz das decisões que eles tomaram? O homem caiu profundamente no pecado, e tem ideias que não são facilmente mudadas. O mundo em que vivemos afecta toda a nossa mentalidade; as nossas ideias de justiça, lei, sucesso, maldade e rectidão estão todas contaminadas. Isso inclui a forma como percebemos a Deus.

A visão bloqueada de um mundo em guerra

Deus preocupa-se intensamente (ou ciosamente, como a Bíblia muitas vezes diz) com o povo que Ele tirou do Egito. Ele sabe que aquele tempo no Egito influenciou profundamente o seu pensamento e que essa mentalidade errada vai levá-los a muitas complicações e dificuldades. Deus tem um plano. Ele sabe que os israelitas têm medo Dele, mas Ele deve dirigir-se a eles da forma como

eles imaginam que Ele é, ou então eles não irão temê-lo e respeitá-lo - não porque Deus quer assustar as pessoas, mas porque para nós, não o temer e respeitar, como criador e sustentador do mundo, significa que vamos temer e respeitar os ídolos da nossa imaginação, em nosso próprio prejuízo. Entristece-o ver a nossa falta de consideração por Ele e pela Sua lei, porque essa falta de consideração terá a consequência de nos ferir no futuro.

E todo o povo viu os trovões, e os relâmpagos, e o ruído da trombeta, e a montanha a fumegar; e quando o povo o viu, retirou-se, e pôs-se de longe.

E disseram a Moisés: “Fala tu connosco, e nós ouviremos; mas que Deus não fale connosco, para que não morramos.”

E Moisés disse ao povo: “Não temais, porque Deus veio para vos provar, e para que o seu temor esteja diante de vós, a fim de que não pequeis.”

E o povo ficou de longe, e Moisés aproximou-se da densa escuridão onde Deus estava. (Êxodo 20:18-21)

Imagine, a palavra de Deus que é vida para nós, eles entendiam como trazendo a morte! Não amarão a Deus, mas será que ao menos O temerão? Não, eles não o farão, pois muito em breve farão um Bezerro de Ouro e os Dez Mandamentos serão quebrados por Moisés diante deles. Neste momento, pessoas não familiarizadas com esta história presumiriam que os israelitas serão deserdados. Mas Deus tem um plano para reconquistar o amor deles através de Moisés.

Através de toda a calamidade, Deus é capaz de amolecer o coração de Moisés. Ele proporciona as circunstâncias de modo que Moisés faça um apelo pelo Seu povo e isso permite a Moisés ver a misericórdia de Deus com mais profundidade. Ele mostra a Moisés o Seu carácter (“misericordioso e gracioso, longânimo...” Êxodo 34:6) Moisés vê o plano de salvação e chega a compreender a bondade de Deus, ao dar o Seu Filho para que tenhamos o perdão dos pecados e a lei escrita nos nossos corações. Deus então envia

Moisés para compartilhar esta bela boa nova com o povo israelita. Mas algo triste acontece.

E aconteceu que, quando Moisés desceu do Monte Sinai, as duas tábuas do testemunho estavam na mão de Moisés, quando desceu do monte, não sabia que a pele do seu rosto brilhava... E quando Arão e todos os filhos de Israel viram Moisés, eis que a pele do seu rosto resplandeceu; e tiveram medo de chegar perto dele...E até que Moisés acabou de falar com eles, pôs um véu no seu rosto. (Êxodo 34:29-30, 33)

Enquanto Moisés estava isolado no monte com Deus, o plano de salvação, datado da queda de Adão, foi-lhe revelado de uma maneira muito poderosa. Ele sabia então que o próprio anjo que estava a conduzir as viagens dos filhos de Israel seria revelado na carne. O querido Filho de Deus, que era um só com o Pai, deveria levar todos os homens a ser um só com Deus, quem acreditasse e confiasse nele. Moisés viu o verdadeiro significado das ofertas de sacrifício. Cristo ensinou o plano do evangelho a Moisés, e a glória do evangelho, através de Cristo, iluminou o semblante de Moisés de modo que o povo não podia olhar para ele.

O próprio Moisés estava inconsciente da glória radiante reflectida no seu rosto, e não sabia porque é que os filhos de Israel fugiam dele quando ele se aproximava. **Ele chamou-os para ele, mas eles não ousaram olhar para aquele rosto glorificado. Quando Moisés soube que o povo não podia olhar para o seu rosto, por causa da sua glória, cobriu-o com um véu.** (ST 14 de março de 1878)

Os israelitas rejeitaram a luz. Eles não suportavam o verdadeiro carácter de Deus, e pediram a Moisés que colocasse um véu sobre o Seu rosto. Eles rejeitaram a glória de Deus, que é o Seu carácter. Eles tinham bloqueado a sua decisão de não falar com Deus directamente ou de conhecê-lo como Ele realmente era - um ser de carácter como o Seu Filho Jesus mostrou na Sua vida na terra. Os israelitas tomaram as suas decisões; eles tomariam Canaã de acordo com as suas próprias obras. Eles seguiriam a letra da lei, mas não o

espírito. Será que Deus os eliminaria agora? Não, Ele caminharia com eles no seu caminho e continuaria a chamá-los, para reconhecerem o erro dos seus caminhos e para mudarem. Assim começa a trágica história da nação de Israel.

Deus Fala com Israel através das Lentes de Guerra

Os israelitas tinham escolhido a guerra e agora a sua história girava em torno dela. Eles lutariam no meio de todo o tipo de altos e baixos. Quando obedecessem a Deus, eles seriam vitoriosos na batalha. A sua vitória deixá-los ia orgulhosos e eles tornar-se-iam auto-confiantes. Eles, então, não consultariam o Senhor e tornar-se-iam negligentes na sua obediência. Assim, eles perderiam a sua próxima batalha. Seguidamente, arrepender-se-iam e aproximar-se-iam de Deus novamente.

A sua história é definida por isto, altos e baixos, com a percepção ocasional do que estava a acontecer. Esta realidade tornou-se o seu relacionamento com Deus, a sua experiência de fé. Vemos esta incapacidade de sair deste ciclo mesmo entre a maior geração de israelitas - os que estavam sob o domínio de Josué. Eles tomaram Jericó através da fé, e logo depois aconteceu isto:

A grande vitória que Deus tinha ganho em favor deles tinha tornado os israelitas auto-confiantes. Porque o Senhor lhes havia prometido a terra de Canaã, eles sentiram-se seguros, e não perceberam a necessidade de fazer o todo esforço ao seu alcance e depois humildemente buscar a ajuda divina, que por si só lhes poderia dar a vitória. Até Josué colocou os seus planos para a conquista de Ai, sem buscar por meio de oração sincera obter conselhos de Deus. ST 21 de Abril de 1881, par. 2

A congregação de Israel tinha começado a exaltar a sua própria força e habilidade e a olhar com desprezo para os habitantes da terra. Jericó tinha sido maravilhosamente derrubada e uma vitória fácil seria esperada em Ai. Assim, três mil homens foram considerados suficientes para levar a cabo o ataque. Os israelitas correram para a batalha, sem a certeza de que Deus estaria com eles. Eles não estavam preparados para a resistência determinada que encontraram e,

aterrorizados com o número e a preparação minuciosa dos seus inimigos, voltaram-se e fugiram. Eles foram perseguidos intensamente pelos cananeus, e trinta e seis do seu número foram mortos. ST 21 de Abril de 1881, par. 3

A inesperada derrota trouxe dôr e desânimo a toda a congregação de Israel. Josué olhou para o seu insucesso como uma expressão do descontentamento de Deus e em profunda humilhação caiu por terra, sobre o seu rosto diante da arca. Os anciãos de Israel uniram-se a ele neste acto de humilhação de si mesmos e mudos de espanto e consternação permaneceram nesta posição até à tarde. Então Josué apresentou o assunto diante do Senhor em oração sincera: ST 21 de Abril de 1881, par. 4

“Ai de mim, Senhor Deus, por que fizeste este povo passar o Jordão, para nos entregar nas mãos dos amorreus, para nos destruir? Tomara que nos contentáramos com ficarmos do outro lado do Jordão! Ó Senhor, que direi, pois Israel virou as costas diante dos seus inimigos? Porque os cananeus e todos os habitantes da terra ouvirão falar dela, e nos rodearão, e desarraigarão o nosso nome da terra; e que farás tu ao teu grande nome? ST 21 de Abril de 1881, par. 5

Josué manifestou um verdadeiro zelo pela honra de Deus, mas suas petições se misturavam com dúvidas e descrença. O pensamento de que Deus tinha feito passar o seu povo sobre o Jordão para entregá-lo ao poder dos pagãos era um pecado, indigno de um líder de Israel. Os sentimentos de desânimo e desconfiança de Josué eram indesculpáveis em vista dos milagres poderosos que Deus tinha feito para a libertação do seu povo e a promessa repetida de que ele estaria com eles para expulsar os habitantes perversos da terra. ST 21 de Abril de 1881, par. 6

Mas o nosso Deus misericordioso não visitou o seu servo com raiva por causa deste erro. Ele aceitou graciosamente a humilhação e as orações de Josué, e, ao mesmo tempo, repreendeu gentilmente a sua descrença, revelando-lhe depois a causa da sua derrota... (ST 21 de Abril de 1881, par. 7)

Partilho isto, não para olharmos para Josué e os israelitas, pois certamente somos iguais – a escritora Ellen White disse que estamos a repetir a história daquela nação. O que eu quero salientar é que como não há reconhecimento de pecaminosidade subjacente mais profunda, não há pedido de perdão na oração de Josué. Há, em vez disso, o sentido de acusação contra Deus: “Por que fizeste este povo passar o Jordão, para nos entregar nas mãos dos amorreus, para nos destruir?” Este é o estado de espírito em que os judeus estavam presos.

Deus não deixa o Seu povo. Ele fez uma promessa a Abraão e à Sua semente. Sempre existiu a possibilidade para Israel libertar-se da sua compreensão errada de Deus. Várias gerações sucessivas de verdadeira adoração, sem idolatria enquanto buscavam diligentemente a lei e se arrependiam do pecado, poderiam ter elevado a sua experiência de fé a um nível muito maior. Mas não foi isto que aconteceu. O Israel antigo não estava disposto a mudar sua visão de Deus, em vez disso apedrejando os profetas que estavam a oferecer ensinamentos que teriam servido como trampolins, eventualmente levando-os a uma perspectiva mais elevada. É por isso que o homem, que o Filho de Deus disse ser o maior dos profetas, caiu em dúvida e desespero quando não viu Deus a agir da forma como lhe foi ensinado que Deus agiria.

Tal como os discípulos do Salvador, João Baptista não entendia a natureza do reino de Cristo. Ele esperava que Jesus ocupasse o trono de Davi; e, como o tempo passava sem que o Salvador reivindicasse a autoridade real, João ficou perplexo e perturbado. Ele tinha declarado ao povo que, para que o caminho fosse preparado diante do Senhor, a profecia de Isaías deveria ser cumprida; as montanhas e os montes deviam-se abaixar, endireitar os caminhos tortuosos e os lugares ásperos deveriam ser aplainados. Ele esperava que as elevações do orgulho humano e do poder fossem derribadas. Ele apresentara o Messias como Aquele cuja pá estava em Sua mão, e que limparia inteiramente Sua eira, ajuntaria o trigo no celeiro, e queimaria a palha com fogo que não se apagaria. Como o profeta Elias, em cujo espírito e poder ele próprio viera a Israel, esperava que o Senhor Se revelasse como um Deus que responde por fogo. (DA 215.2)

João Batista herdara esta visão de Deus dos seus antepassados. E se os maiores israelitas seriam incapazes de entender a natureza do reino de Cristo, como seriam os que viviam nos tempos mais negros do Israel antigo? Vamos agora verificar no Livro dos Juízes.

Como Julgares, Serás Julgados

O povo serviu ao Senhor todos os dias de Josué, e todos os dias dos anciãos que sobreviveram a Josué, que tinham visto as grandes obras do Senhor. Dos seus pecados se arrependeram e foram perdoados, mas a semente do mal tinha sido semeada e brotou para dar fruto. A vida de Josué de integridade inabalável cessou. A sua voz não era mais ouvida em repreensão e advertência. Um a um, os sentinelas fiéis que tinham atravessado o Jordão, descartaram a sua armadura. Uma nova geração apareceu em cena. O povo afastou-se de Deus. A sua adoração estava misturada com princípios errados e orgulho ambicioso.

O homem é propenso a esquecer Deus, embora afirmando servi-lo. O povo de Nazaré pensava que amava a Cristo, mas quando ele lhes mostrou que não eram mais favoritos do céu do que os gentios, eles o arrastaram da sinagoga, e tentaram atirá-lo de cima do monte. As multidões que eram alimentadas por Cristo pensavam que o amavam, até que Ele lhes disse que se preocupavam mais com o pão que perece do que com o pão da vida eterna. O jovem rico pensava que amava o Salvador. Tinha ouvido as palavras graciosas que lhe caíam dos lábios e tinha visto as suas maravilhosas obras. Mas quando o Salvador disse: “Vende o que tens e dá aos pobres, e terás um tesouro no céu; e vem e segue-me”, partiu triste, preso ao seu ídolo. Ele amava mais as suas riquezas do que amava Cristo. Simão, o fariseu, pensava que amava Jesus, até que descobriu que o Salvador não o estimava tanto como a uma mulher pobre, triste e arrependida.

Muitos vêem que há muito para admirar na vida de Cristo. Mas o verdadeiro amor por Ele nunca pode habitar no coração dos que se acham cheios de justiça própria. Não ver a nossa própria deformidade

é não ver a beleza do carácter de Cristo. Quando estivermos plenamente despertos para a nossa própria pecaminosidade, apreciaremos Cristo. (RH 25 de Setembro de 1900)

Citei este extenso trecho porque esperava mostrar qual é o grande problema, tanto para eles como para nós. Ao entrarmos no Livro dos Juízes, os erros dos seus antecessores são ampliados. Porque eles já estão na “terra prometida”, eles sentem-se seguros. Eles esquecem-se do que Deus fez por eles. E eles são incapazes de entender a sua própria pecaminosidade, as consequências dessa pecaminosidade e o funcionamento do reino de Cristo. Assim, repetimos este tipo de ciclo uma e outra vez:

E os filhos de Israel fizeram o mal aos olhos do Senhor, e se esqueceram do Senhor seu Deus, e serviram Baalim e os arvoredos. Pelo que a ira do Senhor se acendeu contra Israel, e ele os vendeu na mão de Cusã-Risataim, rei da Mesopotâmia; e os filhos de Israel serviram a Cusã-Risataim oito anos. E quando os filhos de Israel clamaram ao Senhor, o Senhor levantou um libertador [salvador] para os filhos de Israel, que os libertou, a saber, Otniel, filho de Quenaz, irmão mais novo de Calebe... (Juízes 3:7-10)

E os filhos de Israel tornaram a fazer o mal aos olhos do Senhor; e o Senhor fortaleceu a Eglom, rei dos moabitas, contra Israel...Assim os filhos de Israel serviram a Eglom, rei dos moabitas, dezoito anos. Mas quando os filhos de Israel clamaram ao Senhor, o Senhor lhes suscitou um libertador, Eúde, filho de Gera... (Juízes 3:12, 14-15)

E os filhos de Israel tornaram a fazer o mal aos olhos do Senhor, quando Eúde morreu. E o Senhor os vendeu na mão de Jabim, rei de Canaã...E os filhos de Israel clamaram ao Senhor... (Juízes 4:1-3)

Porque os israelitas entendiam Deus como um Deus de guerra e punição, eles compreenderam todas as Suas leis como sendo necessárias apenas em tempos de crise - quando eles se viam a ser punidos ou sob perseguição. Eles não viam que Deus cuidaria deles também nos tempos bons e eles não podiam ver como as Suas leis também os abençoariam na sua colheita e nas suas famílias, na sua saúde e nos seus relacionamentos com as nações vizinhas. Eles viam a lei como

um fardo e não como uma bênção, algo a ser feito para ganhar o favor de Deus.

Quando a terra tinha paz, devia-se ao facto de eles terem respeito a um homem, através do qual Deus os tinha libertado - eles não viam que o libertador era apenas um canal para o Pai, a fonte de tudo o que é bom. Deus estava a tentar trabalhar com eles, mas eles estavam a limitar o que Ele podia fazer através da sua descrença. Deus não os forçaria a vê-Lo de forma diferente. A sua incapacidade de amar a Deus significava que era impossível para eles amar os seus inimigos.

Apesar da sua apostasia e grande maldade, o Senhor não abandonou totalmente o seu povo. De tempos em tempos ele levantou homens fiéis e valentes para libertá-los da opressão dos seus inimigos. Mas o coração do povo tinha-se tornado tão corrompido por um curso perverso que não era uma tarefa fácil restaurar a pureza da fé ou da adoração. Quando o libertador estivesse morto e o povo fosse libertado da sua autoridade, eles voltariam à sua idolatria...

O Senhor procurou levar o seu povo a uma posição onde ele pudesse manifestar o seu poder em favor deles; mas os seus corações estavam prontos para se afastar de Deus, e eles não se submeteriam às Suas exigências. Que cegueira! que loucura inexplicável! e igualmente incompreensível é o curso daqueles a quem Deus dotou de dons intelectuais e cercou de bênçãos temporais, mas que preferem o ganho mundano e até a indulgência de paixões degradantes, ao favor de Deus e do seu amor infinito. (ST 9 de junho de 1881)

Deus iria libertá-los quando eles pedissem, mas tal era realizado apenas de acordo com a ideia deles sobre o Seu carácter. É por isso que vemos que os seus juízes vieram do modo como vieram, todos como generais de guerra. Isso mais tarde os levaria a pensar que com o Messias seria o mesmo, não percebendo que Deus só estava a trabalhar na forma deles e que o próprio Deus não era realmente como eles.

O facto de dependerem de um homem para os julgar e fazê-los a praticar o que era correcto, mostrou que eles não tinham a lei nos seus corações. Essa

mentalidade de ter um homem que os conduzisse em vez de Deus, ou um homem que assumisse a responsabilidade de obedecer a Deus de forma a diminuir a responsabilidade do próprio povo, acabaria por se manifestar na sua exigência de um rei.

Israel exige um rei

E disse o Senhor a Samuel: “Obedece à voz do povo em tudo o que te disserem, porque não te rejeitaram a ti, mas me rejeitaram, para que eu não seja rei sobre eles”. Segundo todas as obras que fizeram, desde o dia em que os tirei do Egito até ao dia de hoje, abandonando-me e servindo a outros deuses, o mesmo estão a fazer a ti também. Agora, pois, obedece-lhes a voz; todavia admoesta-os solenemente e mostra-lhes os caminhos do rei que há de reinar sobre eles”. (1 Samuel 8:7-9)

Durante os primeiros 500 anos de existência do povo de Israel, não tiveram rei. Eles estavam divididos em diferentes tribos e Deus era o seu rei. Mas cansaram-se deste sistema que era diferente de todas as outras nações e exigiram um rei ao último juiz de Israel, Samuel. Samuel sentiu-se magoado, mas Deus assegura-lhe que é a Deus que eles estão a rejeitar, não a Samuel. A exigência deles também entristeceu Deus. Deus sabe que a sua reivindicação de um rei os vai prejudicar porque Ele conhece o futuro.

Vemos que Deus lhes dá o que eles querem, mas não sem avisá-los primeiro sobre o que um rei fará - ele levará os seus filhos como soldados, fará a colheita deles, cobrar-lhes-á impostos, obrigará as suas filhas a trabalhar para ele, ficará com os seus animais, etc. Um rei irá oprimi-los. Mas note o facto significativo de que mesmo que eles ignorem a advertência, Deus não os deixa. Ele os ajuda a escolher um rei, e tenta liderar esse rei. Ele faz leis para um tal cenário. Mas lembre-se, isso não significa que Deus queria um rei.

Isto é chamado da Sua vontade permissiva, a Sua adaptação para um cenário que Ele não queria originalmente, como o pai que ensinou o seu Filho a caçar para garantir a sua segurança e a dos outros. Isto está em contraste com a

perfeita vontade de Deus, que é o que Ele preferia ter. Um exemplo da perfeita vontade de Deus era aceitarmos Cristo, não o matar; mas uma vez que O matámos, Ele tinha um plano para usá-lo para o nosso bem. Em última análise, a Sua perfeita vontade era que o homem nunca comesse o fruto proibido, e tudo desde então tem sido a Sua vontade permissiva.

Aqui está a explicação de Ray Foucher a partir do seu excelente website, www.characterofgod.org

Como não havia monarquia e linha de sucessão estabelecida a partir dela, quem seria rei? Deus sabia o tipo de rei que eles desejavam, Ele tomou a decisão e escolheu um homem que lhes agradaria. No dia em que o rei foi apresentado, eles foram lembrados novamente que não era uma boa ideia:

“E vós rejeitastes hoje o vosso Deus, que vos salvou de todas as vossas adversidades e tribulações; e dissestes-lhe: Não, mas constitui um rei sobre nós. Agora, pois, apresentai-vos perante o Senhor pelas vossas tribos e pelos vossos milhares”. (I Sam 10:19)

“Então disse Samuel a todo o povo: Vedes aquele que o Senhor escolheu, que não há outro semelhante a ele entre todo o povo? E todo o povo gritou, e disse: Deus salve o rei. Então Samuel contou ao povo a conduta do rei, e a escreveu num livro, e o depositou perante o Senhor. E Samuel mandou todo o povo embora, cada um para sua casa”. (I Sam 10:24-25)

A conduta do rei que Samuel escreveu num livro foi o que ele lhes tinha dito anteriormente (I Sam 10:11-17). Depois da primeira vitória militar de Saul como rei, Samuel o apresentou novamente confirmando que ele era a escolha deles:

“Eis agora, pois, o rei que escolhestes e que desejastes! e eis que o Senhor pôs sobre vós um rei”. (I Sam 12:13)

Saul foi uma escolha deles, não de Deus - esta foi uma segunda adaptação por parte de Deus. Deus escolheu Saul, mas Saul era um homem que correspondia aos parâmetros do que eles - o povo - queriam. Se Deus se

tivesse sentido livre para escolher um homem para ser rei naquele momento, teria sido alguém como Davi. Mais uma vez, foi confirmado que o que eles tinham feito era pecaminoso:

“E todo o povo disse a Samuel: “Roga por teus servos ao Senhor teu Deus, para que não morramos; porque a todos os nossos pecados acrescentamos este mal, ao pedirmos para nós um rei.

Então Samuel disse ao povo: “Não temais; vós cometestes toda esta iniquidade; contudo não vos desvieis de seguir ao Senhor, mas servi ao Senhor de todo o vosso coração.” (I Sam 12:19-20)

Embora tivessem feito iniquidades, eles não tinham deixado totalmente de seguir a Deus e Ele continuou a trabalhar com eles apesar das suas escolhas - quão gracioso é Deus! Mesmo quando Saul se revelou um erro, Deus continuou a permitir a monarquia, mas Ele pessoalmente escolheu o segundo rei:

“Mas agora o teu reino [de Saul] não continuará; o Senhor procurou para si um homem [Davi] segundo o seu próprio coração, e o Senhor lhe ordenou que fosse capitão sobre o seu povo, porque tu não guardaste o que o Senhor te ordenou”. (I Sam 13:14)

Deus, embora não aprovando, trabalhou com eles dentro das escolhas que eles tinham feito. Nós sabemos que Deus não aprovava que Israel tivesse uma monarquia, mas Ele continuou a conformar-se com tal. No entanto, para onde isso os levou? No princípio Deus era o seu rei:

“E quando vistes que Naás, o rei dos filhos de Amom, vinha contra vós, dissestes-me: Não, mas um rei reinará sobre nós; quando o Senhor vosso Deus era o vosso rei”. (I Sam 12:12)

Em última análise, eles, ou, pelo menos, os seus líderes, disseram:

“... fora com ele, fora com ele, crucifica-o. ... Não temos outro rei senão César.” (João 19:15)

<https://characterofgod.org/gods-accommodation-for-man/>

Este princípio de trabalhar com o homem onde ele está e através das escolhas que ele faz, embora vá contra a vontade de Deus, também é chamado de Conformidade de Deus. Nós vemos através de tudo isto como Deus opera. O povo não teria aceitado Davi se ele tivesse sido escolhido logo em primeiro; quase nem aceitaram Saul. Se Deus os tivesse deixado escolher um rei, teria havido uma grande guerra civil. Então Deus fez o melhor que pôde, de acordo com o que a fé deles permitiu. Ele não destinou Saul ao fracasso; Ele deu a Saul o Seu Espírito para capacitá-lo completamente para desempenhar a tarefa de ser rei. Mas quando Saul falhou, Deus o usou para tentar mostrar ao povo como isso reflectia o próprio fracasso deles. Ele permitiu que o pecado abundasse, para que a graça abundasse muito mais (Rom. 5:20), se eles conseguissem simplesmente reconhecê-lo. Deus espera que todas estas lições sejam estudadas por aqueles que vivem posteriormente, não para nos tornar orgulhosos e pensarmos que somos melhores, mas para nos identificarmos neles e assim aprendermos com os seus erros.

Embora os israelitas, como nação, se afastassem de Deus, havia sempre um remanescente que resistia resolutamente às más influências que os rodeavam e mantinha a sua lealdade a Jeová. Estes estavam constantemente a crescer em coragem e verdadeira piedade. Eles apegavam-se mais firmemente ao Senhor ao verem a apostasia dos seus irmãos. A fé deles fortalecia-se a cada conflito. (ST 9 de junho de 1881, par. 4)

Porque com o juízo com que julgardes, sereis julgados; e com a medida que medirdes, vós sereis medidos. (Mateus 7:2)

Continuamos em Pecado, para que a Graça possa abundar?

Quero parar aqui para ter a certeza de que não sou mal interpretado. Nunca devemos pensar em servir a Deus, violando a lei. É tentador acreditar que a vontade de Deus pode vencer todas as coisas e, portanto, podemos pecar e

arrepender-nos depois, como Davi, Salomão e Sansão. Esta ideia é abordada por Paulo:

O que diremos então? Devemos continuar em pecado, para que a graça possa abundar? Deus nos livre. Como devemos nós, que estamos mortos para o pecado, viver mais tempo nele? (Romanos 6:1-2)

Nós enganamo-nos quando usamos os erros dos homens de Deus para nos justificarmos e esquecemos o grande sofrimento pelo qual eles passaram como consequência desses pecados. “Não vos enganeis; Deus não é escarnecido; porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará”. (Gálatas 6:7) Esta é uma das lições mais importantes que devemos aprender com a Bíblia.

Alguns ensinam que podemos agir de forma menos correcta, desde que o objetivo seja bom. Em termos modernos, tal é dito como “os fins justificam os meios”. Esta ideia foi propagada pelos “Pais da Igreja” do século IV e foi uma das principais causas da submersão do cristianismo na corrupção e na decadência.

“Mal se sabe em que termos de reprovação, para falar daquela permissão, que muitos dos pais mais preeminentes deste século [século IV] a demonstraram, quando expressaram as suas opiniões em termos místicos por conveniência; ou quando ultrapassaram os limites da verdade no calor da discussão; ou quando se entregaram a declarações exageradas, hipérbole retórica e floreado bombástico, em conformidade com o costume e o gosto dos tempos.

Essa prática indigna tem sido corretamente chamada de 'Falsitas Dispensativa', gestão fraudulenta, ou, licença para esconder a verdade, ou para usar a falsidade como as circunstâncias possam exigir; e tem sido justificada e seguida pelos admiradores da antiguidade patriarca de uma maneira que mostra muito claramente que há uma prontidão na mente humana, sob excitação fanática, para 'acreditar numa mentira'.

Foi esta 'Falsitas Dispensativa', que permitiu que Jerónimo e os seus contemporâneos construíssem aquela estrutura chamada igreja do século IV, tão diferente de 'O templo sagrado do Senhor, enquadrado de forma adequada sobre a fundação dos apóstolos e profetas'". (*Vigilantius and His Times*, W.S. Gilly, 1844)

Esta ideia foi também infamemente herdada e posta em prática pelos Jesuítas, a ordem na frente da Contra-Reforma. Chamavam-lhe “reserva mental”, ou uma “mentira de necessidade”. Também foi chamada de equívoco. Devemos ter cuidado com isso.

Eu menciono isto para não aprendermos de forma errada a lição da Bíblia. Ao explicar o princípio da adaptação ou conformidade, eu espero que o leitor veja a misericórdia de Deus mesmo na pecaminosidade do homem, e não a aceitação desta por parte de Deus. Lembremo-nos do que é falado do povo final de Deus:

E na boca deles não foi encontrado nenhum engano, pois eles estão sem culpa diante do trono de Deus. (Apocalipse 14:5)

O Casamento ímpio de Sansão e o Estado Moral de Israel

Na vida de Sansão, vemos claramente o princípio da adaptação de Deus. Ele foi chamado por Deus e foi da vontade de Deus que Ele fosse santo e “começasse a libertar Israel das mãos dos filisteus”. (Juízes 13:5) Deus definitivamente não queria que ele se casasse com uma mulher filisteia. Então, quando Sansão casou com uma filisteia, Deus abandonou Sansão e retirou a promessa? Não, Deus trabalharia através dos erros de Sansão, continuando a ensiná-lo e tentando atraí-lo de volta. Mas agora nós conheceremos a vontade permissiva de Deus, em vez da Sua perfeita vontade. Nós não devemos pensar que também devemos casar com incrédulos porque Deus trabalhou através de Sansão dessa forma. Deus teria trabalhado através de Sansão de uma maneira

melhor, com menos sofrimento para ele e para os outros, se ele tivesse casado com um crente. A vontade perfeita de Deus é sempre melhor do que a Sua vontade permissiva.

Se Sansão tivesse obedecido tão fielmente ao comando divino como os pais tinham obedecido, o seu destino teria sido mais nobre e feliz...

Assim, no momento em que, acima de todos os outros, ele deveria ter mantido inteira consagração à vontade de Deus, assim como estava amadurecendo na fase da masculinidade, o período em que deveria executar a sua missão divina,- nesse ponto crítico da sua história de vida, Sansão cedeu ao tentador e por um casamento insensato se colocou em aliança com os inimigos de Deus. Esse passo importante não foi cuidadosamente considerado. Sansão não se perguntou se poderia glorificar melhor a Deus quando unido ao objecto de sua fantasia, ou se estava a colocar-se numa posição em que não poderia cumprir o propósito a ser executado pela sua vida. A todos os que procuram primeiro honrá-lo, Deus prometeu sabedoria; mas não há promessa para aqueles que desejam apenas agradar a si mesmos. (ST 6 de outubro de 1881)

Também devemos recordar o contexto em que estavam, o de se recusarem a ver todo o carácter de Deus e escolherem, em vez disso, compreender Deus como um deus duro e exigente de guerra. Para eles, ser libertos significava a vitória na guerra. Isto também era verdade para os gentios, que adoravam os deuses com base no seu poder e habilidade para ajudá-los na guerra, não pela bondade de seu carácter.

Vemos em todo o livro de Juízes e na maior parte do Antigo Testamento que nunca ocorre aos israelitas compartilhar a bondade de Jeová ou o plano de salvação. Nas ocasiões em que eles provam a graça de Deus, eles consideram isso sendo causa do seu direito de nascimento como filhos de Abraão. Sansão não pensa em levar os filisteus para o único Deus verdadeiro. Esta era a mentalidade em que eles estavam. Mas Deus entende as nossas dificuldades, em nos elevarmos acima do meio ambiente, cultura e história em que estamos,

e independentemente dos seus fracassos, Sansão é listado como um herói da fé em Hebreus 11.

Observe o sofrimento causado pela decisão de Sansão e o estado lamentável do povo israelita na época:

A esposa, para cuja obtenção Sansão transgredira o mandamento de Deus, provou ser traíçoeira para seu marido antes do encerramento da festa de casamento e por fim foi morta pela sua própria classe cujas ameaças tinham causado sua perfídia. Sansão já tinha dado provas de sua força prodigiosa, ao matar, sozinho, um leão jovem e ao matar trinta dos homens de Asquelom. Agora, comovido com o bárbaro assassinato da sua esposa, ele atacou os filisteus, “e os feriu com grande matança”. Então, desejando refugiar-se com segurança dos filisteus, **e temendo confiar nos seus próprios compatriotas**, escondeu-se numa fortaleza rochosa chamada Etam, na tribo de Judá.

Até àquele lugar, foi ele perseguido por um grande grupo de filisteus, cuja presença suscitou grande alarme entre os habitantes de Judá. **Quando souberam que o único objetivo da invasão era levar Sansão em cativeiro, concordaram, basicamente, em entregá-lo aos seus inimigos. Ao fazer isso, esperavam assegurar o favor dos filisteus, e assim aliviar a sua própria opressão.** Assim, três mil homens de Judá subiram para levar o poderoso guerreiro. Mas, com tal disparidade, eles ousaram fazer a tentativa apenas porque se sentiam seguros de que ele não faria mal ao seu próprio povo. Sansão consentiu em ser preso e entregue aos filisteus, mas primeiro exigiu dos homens de Judá a promessa de não o atacarem, e assim o obrigarem a destruí-los. Ele permitiu que eles o amarrassem com duas novas cordas e que o levassem até aos filisteus.

Se os israelitas estivessem preparados para se unirem a Sansão e acompanharem a vitória conquistada, poderiam neste momento ter-se libertado do poder dos filisteus. Mas eles tinham-se tornado fracos e desanimados. Tinham negligenciado a obra que Deus lhes ordenara que realizassem com diligência, meticulosidade e valor; não só falhando em desapossar os gentios, mas unindo-se a eles nas suas práticas degradantes, tolerando a sua crueldade, e, enquanto não

fosse dirigida contra si mesmos, até mesmo favorecendo a sua injustiça. Quando finalmente o poder tirano triunfou, Israel submeteu-se à degradação da qual poderia ter escapado, se apenas obedecesse a Deus. Mesmo quando o Senhor lhes levantou um libertador, eles frequentemente abandonavam o escolhido para mudar a ordem das coisas e uniam-se aos seus opressores mais cruéis. (ST 6 de outubro de 1881)

Vemos as terríveis consequências do casamento ímpio de Sansão - a morte de muitas pessoas e muito sofrimento. Vemos também como os israelitas se tinham degradado. Tinham-se resignado a ser servos dos filisteus e desejavam apenas “aliviar a sua própria opressão”. Eles tinham perdido totalmente a fé em Deus para libertá-los e mesmo com este poderoso guerreiro no meio deles, eles não pensaram em ajudá-lo ou lutar com ele. Mesmo quando Deus lhes deu um libertador de acordo com o seu desejo, eles ainda assim o rejeitaram! Se Deus tivesse dado um libertador que fosse mais parecido com Cristo, eles o rejeitariam ainda mais. Deus tem de condescender até ao nível deles para elevá-los, na esperança de conseguir até mesmo um pouco de fé da parte deles, a qual possa ser construída - mas mesmo isso raramente é aceite.

Sansão mata mil com um maxilar

E quando chegou a Leí, os filisteus gritaram contra ele; e o Espírito do Senhor veio poderosamente sobre ele, e as cordas que estavam sobre os seus braços tornaram-se como linho queimado ao fogo, e as suas cordas se desprenderam das suas mãos. E achou uma queixada nova de um jumento, estendeu a mão, tomou-a e matou com ela mil homens. (Juízes 15:14-15)

A pergunta que se faz é, como pode ser segundo o carácter de Deus, que o Espírito do Senhor venha sobre Sansão e então ele mate mil homens? Mas vejamos o versículo cuidadosamente. O Espírito do Senhor veio sobre ele “e as cordas que estavam em seus braços se tornaram como linho que foi queimado ao fogo, e as suas cordas se soltaram das suas mãos”. Esse foi o

resultado imediato do Espírito do Senhor, não a matança. Deus ajudou-o a escapar, mas coube a Sansão decidir o que faria a seguir.

E Sansão disse: “Com a mandíbula de um asno, montões sobre montões, com a mandíbula de um asno matei mil homens.”

E aconteceu que, quando ele terminou de falar, lançou fora a mandíbula da mão e chamou aquele lugar de Ramath-lehi.

E, tendo ele grande sede, invocou ao Senhor e disse: “Deste este grande livramento nas mãos do teu servo; e agora morrerei eu de sede e cairei nas mãos dos incircuncisos?”

Mas Deus fez abrir a rocha onde estava a mandíbula, e ali brotou água; e ele bebeu, o seu espírito retornou, e ele reviveu... (Juízes 15:16-19)

Sansão deu glória a si mesmo e não a Deus. Um homem com o espírito de Cristo não se glorifica em si mesmo, mas sempre dá louvor ao Pai e ao Filho - assim, quando Sansão disse aquelas palavras depois da matança, mostra que Deus não estava com ele na matança. Jesus disse:

Nada posso fazer por mim mesmo; como ouço, julgo; e o meu julgamento é justo, porque não busco a minha própria vontade, mas a vontade do Pai que me enviou. (João 5:30)

Mas quando vier o Espírito da verdade, ele vos guiará em toda a verdade; porque não falará de si mesmo, mas de tudo o que ouvir, falará; e vos anunciará as coisas vindouras. Ele me glorificará, porque receberá do que é meu, e vo-lo anunciará. (João 16:13-14)

Sansão gloriar-se em si mesmo seria uma terrível influência sobre os judeus, que seriam levados a adorar o homem em vez de Deus, e os filisteus, que não veriam que Jeová tinha dado a vitória. O povo daqueles tempos muitas vezes transformava os homens em deuses e as ações de Sansão levariam à adoração de mais heróis entre os israelitas e os gentios. Lembre-se de que Deus está a trabalhar no paradigma em que eles se encontram.

Milhares de israelitas testemunharam a derrota de Sansão contra os filisteus, mas nenhuma voz se levantou em triunfo, até que o herói, elogiado por este maravilhoso sucesso, celebrou a sua própria vitória. Mas ele elogiou-se a si mesmo, em vez de atribuir a glória a Deus. Não tardou em cessar pois foi lembrado da sua fraqueza por uma sede mais intensa e dolorosa. Tinha-se esgotado pelos seus trabalhos prodigiosos e não tinha meios de suprir a sua necessidade. Ele começou a sentir a sua total dependência de Deus e a convencer-se de que não tinha triunfado por seu próprio poder, mas pela força do Onipotente. (ST 6 de outubro de 1881, par. 13)

Deus deu a Sansão a capacidade de concretizar, a qual Sansão recebeu apesar de rejeitar o carácter de Deus. Isto é parte de como Deus reconhece o nosso livre arbítrio. O mesmo se passa com Satanás, que tem muito poder, pois tudo vem de Deus, apesar de rejeitar o carácter de Deus. Porém este poder é dado em aflição, com a esperança de que finalmente o carácter de Deus seja aceite e, portanto, o homem possa entrar na vida eterna.

Todos os nossos actos são feitos através do poder de Deus, mesmo aqueles feitos por homens perversos. O belo pianista, o grande jogador de futebol, o ultramaratonista. A questão é se nós reconhecemos que o poder vem de Deus e eventualmente nos arrependemos de usá-lo pecaminosamente e nos voltamos para Ele, passando a viver de acordo com Sua vontade (o Seu carácter), ou aceitamos a vida/poder de Deus no Espírito de Satanás, torturando Cristo pelo poder de Deus (I Cor. 1:24), usando-o para a maldade e pecado, eventualmente levando à nossa morte eterna.

Sansão usou o poder de Deus para fins pecaminosos, mas Deus não o eliminou. Em vez disso, Deus fê-lo perceber a sua fraqueza através da sua sede e o fez reconhecer o erro dos seus caminhos ao se proclamar grande, quando tudo o que ele tinha, tal como tudo o que nós temos, vem somente de Deus. No entanto, este pecado de Sansão foi feito na ignorância, de acordo com a visão do mundo que ele herdara.

Deus falou uma vez; duas vezes ouvi isto; que o poder pertence a Deus.

Também a ti, Senhor, pertence a misericórdia, porque a cada um retribuís segundo a sua obra. (Salmo 62:11-12)

Assumir que Deus o tenha feito

Então matou Deus mil homens com uma mandíbula? Não, Deus usou a pecaminosidade do homem - neste caso a sua natureza guerreira - para dar uma lição e aproximar-se dele. Sansão assumiu que era isso que Deus queria porque era assim que ele fora ensinado. Isto é exatamente como Elias que pensava que Deus estava no terremoto, no vento, no fogo. Isto é exatamente como os discípulos, que assumiram que era Deus quem enviava fogo do céu quando Elias o pediu para descer.

E quando os seus discípulos Tiago e João viram isto, disseram: “Senhor, queres que mandemos descer fogo do céu e que os consumamos, como Elias fez?”

Mas ele voltou-se, repreendeu-os e disse: “Não sabeis de que espírito sois”. Porque o Filho do Homem não veio para destruir a vida dos homens, mas para salvá-los. E eles foram para outra aldeia. (Lucas 9:55-56)

Se o Filho do Homem não veio para destruir, mas para salvar, podemos alguma vez atribuir-lhe a destruição? A Bíblia afirma que Satanás é o destruidor (I Cor. 10:10; a palavra grega para destruidor ali é “serpente venenosa”). No entanto, assumimos que Cristo matou o primogénito do Egito, que queimou Nadabe e Abiú, engoliu Coré num fosso, matou os assírios com peste. Geralmente pensa-se que todas as calamidades e desastres naturais são causados por Deus e é por isso que eles são chamados de “Actos de Deus” em documentos de seguros.

Mas Deus não é assim e esta é uma lição que todos nós temos a aprender. Quando João ficou confuso porque Jesus não estava a fazer o que ele esperava (tornar-se um rei mundano e governar as nações), ele enviou mensageiros a Jesus para perguntar-lhe sobre a sua missão. Os discípulos de João viram Jesus curar os doentes, dar visão aos cegos, ouvir os surdos e ensinar o povo. Eles voltaram e contaram a João o que viram:

Os discípulos levaram a mensagem, e foi suficiente [para satisfazer João que Jesus era o Messias]. João recordou a profecia a respeito do Messias: “O Senhor me ungiu para pregar as boas novas aos mansos; Ele me enviou para atar as feridas dos corações dilacerados, para proclamar liberdade aos cativos e a abertura da prisão aos que estão presos; para proclamar o ano aceitável do Senhor”. [Isaías 61:1, 2](#). As obras de Cristo não só O declararam como Messias, mas mostraram de que maneira o Seu reino seria estabelecido. A João foi aberta a mesma verdade que tinha chegado a Elias no deserto, quando “um vento grande e forte fendeu as montanhas e quebrou as rochas diante do Senhor; mas o Senhor não estava no vento; e depois do vento um terremoto; mas o Senhor não estava no terremoto; e depois do terremoto um fogo; mas o Senhor não estava no fogo”; e depois do fogo, Deus falou ao profeta por “uma voz mansa e suave”. [1 Reis 19:11, 12](#). Então Jesus devia fazer a Sua obra, não com a força de braços e derrubando tronos e reinos, mas pelo falar ao coração dos homens por uma vida de misericórdia e abnegação.

Então é o cenário em que Sansão estava? Por causa da cultura de incredulidade em que os israelitas estavam durante o período dos Juízes, Deus não podia operar através deles actos de “misericórdia e abnegação”. Deus só podia trabalhar com os acontecimentos, pois eles ocorriam de forma a ensinar a todos, o melhor que podia, respeitando ao mesmo tempo o seu livre arbítrio. Os filisteus também entendiam apenas a espada e tinham endurecido os seus corações ao ponto de Deus não poder protegê-los de Sansão.

Quando os pais ou governantes negligenciam o dever de punir a iniquidade, o próprio Deus tomará o caso em mãos. O Seu poder de contenção será em certa medida removido, das forças do mal, de

modo que surgirá um séquito de circunstâncias que punirá o pecado com o pecado. (PP 728.1)

A morte de Sansão foi pecado. Mas na estrutura em que ele estava, ele não o conseguia reconhecer. Há cristãos no exército, agora mesmo, a quem Deus está a responder a orações e a ajudar, de acordo com o seu conhecimento da verdade. Mas quando eles aprendem o suficiente, Deus espera que eles se arrependam, mesmo que ele tenha trabalhado através da estrutura anterior para alcançá-los. Se alguém teve diabetes porque nunca ouviu acerca de leis da saúde, Deus pode curar milagrosamente; mas aqueles que conhecem as leis da saúde e as ignoram voluntariamente não devem esperar uma cura milagrosa. Em vez disso, eles devem reconhecer o seu pecado e pedir o presente do arrependimento e do perdão.

Será de acordo com a luz que eles tiveram que eles serão julgados e punidos. (YI 8 de Junho de 1893)

Deus considera-nos responsáveis por tudo o que poderíamos ser se melhorássemos os nossos talentos. Seremos julgados de acordo com o que deveríamos ter sido, mas não fomos; o que poderíamos ter feito, mas não realizámos, porque não usámos as nossas capacidades para glorificar a Deus. Porque todo o conhecimento que poderíamos ter ganho, mas não o fizemos, causará uma perda eterna, mesmo que não percamos a nossa alma. (TM 146.2)

Sansão continua a ser um herói da fé, embora tenha matado muitos, pois será julgado de acordo com a mentalidade cultural que herdou e com o estado terrivelmente lamentável de Israel, no qual se encontrava. O ambiente de Sansão era cruel e duro. O próprio Sansão cometeu muitos erros. Mas também aprendemos de Sansão que, embora os erros tenham consequências terríveis, podemos ser redimidos no final através do verdadeiro arrependimento. Mas que terrível provação ele teve que passar! Tal provação não nos é exigida por Deus e os Seus mandamentos foram-nos dados para nos proteger de tal sofrimento desnecessário.

Que mudança para ele que tinha sido o juiz e campeão de Israel! – agora fraco, cego, preso, degradado ao trabalho mais serviçal! Pouco

a pouco ele tinha violado as condições de sua sagrada vocação. Deus tinha tido muita paciência com ele, mas quando se entregou ao poder do pecado a ponto de trair o seu segredo, naquele momento Deus se afastou dele. Não havia virtude no comprimento dos seus cabelos, em si mesmo, mas era um sinal da sua lealdade a Deus, e quando o símbolo foi sacrificado na satisfação da paixão, as bênçãos das quais era um sinal também foram perdidas. Se a cabeça de Sansão tivesse sido raspada sem culpa da sua parte, a sua força teria permanecido. Mas o seu curso tinha mostrado desprezo pelo favor e autoridade de Deus, tanto quanto se ele mesmo tivesse em desdém cortado as tranças da sua cabeça. Por isso Deus o deixou para suportar os resultados da sua própria insensatez. (ST 13 de outubro de 1881)

Ele é deixado “para suportar os resultados da sua própria loucura”. A questão é, se chegarmos a este ponto, como vamos interpretá-lo? Qual será a nossa relação com Deus? Acreditaremos que Deus nos condenou e nos fechou o caminho? Que Ele nos odeia pelos nossos erros? Será que deixamos a nossa culpa nos subjugar e perdemos a coragem diante das acusações de Satanás? Lembre-se, seremos julgados de acordo com o nosso próprio julgamento (Mateus 7:2). Nós acreditamos no arrependimento e no perdão?

Nos seus sofrimentos e humilhações, como brinquedo para os filisteus, Sansão teve oportunidade de reflectir e **aprendeu mais acerca da sua própria fraqueza do que jamais soubera antes. À medida que as suas aflições o levavam ao arrependimento**, os seus cabelos começaram a crescer gradualmente, indicando o retorno dos seus extraordinários poderes, mas os seus inimigos, considerando-o apenas como um prisioneiro impotente e desamparado, não tinham apreensões. (ST 13 de outubro de 1881)

Embora Sansão se arrependesse e os seus poderes voltassem, ele também percebeu que não haveria nenhum milagre para devolver a sua visão, ou para que ele vivesse uma vida de paz. Ele aceitou que o sofrimento em que agora se encontrava era por causa das suas próprias consequências, e não largou a sua fé. A sua fé cresceu à medida que a sua compreensão da sua própria fraqueza aumentava. Ele veio a entender Romanos 5:20-21

Além disso, veio a lei, para que o pecado abundasse. Mas onde o pecado abundou, a graça superabundou:

Para que, assim como o pecado reinou até à morte, assim também a graça reine pela justiça para vida eterna, por Jesus Cristo nosso Senhor. (Romanos 5:20-21)

Deste modo Deus respondeu à oração final de Sansão, e ele morreu exaltando no mundo Jeová acima do deus peixe Dagon, dos filisteus (um deus que não existe, e por isso é insano acreditarmos nele).

A promessa de Deus de que através de Sansão Ele “começaria a libertar Israel das mãos dos filisteus” foi cumprida; mas quão sombrio e terrível foi o registo daquela vida que poderia ter sido um louvor a Deus e uma glória para a nação! Se Sansão tivesse sido fiel ao seu chamado divino, o propósito de Deus poderia ter sido cumprido em sua honra e exaltação. Mas ele cedeu à tentação e provou ser infiel à sua incumbência, e sua missão foi cumprida na derrota, na escravidão e na morte. (PP 567.2)

Sansão em comparação com José

Os caminhos de Deus foram cumpridos, mas de uma maneira terrível. Que isto seja uma lição para nós no final dos tempos. Ellen White contrasta Sansão com José, que também cumpriu o propósito de Deus, mas de uma forma honrada e nobre. Quando José se propôs a fazer de acordo com a lei de Deus, ressurgiu para ser honrado no Egito e abençoou o seu povo de forma poderosa.

O futuro da vida de José foi determinado pelas decisões tomadas naquela hora difícil. Ele olhou calmamente para o céu e exclamou: “Como posso cometer este grande mal e pecar contra Deus?” Não deixou acender o fogo da paixão não santificada. As ordens de Deus, a promessa de Deus estava diante de José. Ele sentiu que o olho que tudo vê estava sobre ele, acompanhando todos os seus pensamentos, penetrando nos segredos do coração, nos motivos subjacentes a cada acção.

Sansão, em seu perigo, tinha a mesma fonte de força que José. Ele podia escolher o certo ou o errado, como quisesse. Mas ao invés de se apoderar da força de Deus, ele permitiu que as paixões selvagens da sua natureza tivessem toda a sua influência. Os poderes do raciocínio foram pervertidos, a moral corrompida. Deus chamou Sansão para uma posição de grande responsabilidade, honra e utilidade; mas ele deve primeiro aprender a administrar, ao aprender primeiro a obedecer às leis de Deus. José era um agente moral livre. O bem e o mal estavam diante dele. Ele podia escolher o caminho da pureza, da santidade e da honra, ou o caminho da imoralidade e da degradação. Ele escolheu o caminho certo e Deus aprovou-o. Sansão, sob tentações semelhantes, as quais ele tinha trazido sobre si mesmo, deu rédea solta à paixão. O caminho em que ele entrou, acabou por terminar em vergonha, desastre e morte. Que contraste com a história de José! (ST 13 de outubro de 1881)

Há muitas situações nas escrituras difíceis de serem compreendidas e que a nossa natureza pecaminosa lerá e entenderá mal, para nos gratificarmos com as nossas cobiças. Todos nós conhecemos exemplos de pessoas que fazem isso. Mais comumente, vejo pessoas a cometer adultério e a dizer a si mesmas que Davi foi perdoado, assim eu serei, e de facto, o homem mais sábio do mundo até nasceu por Batseba! Mas esquecemo-nos de toda a terrível dor e sofrimento pelo qual Davi passou como consequência desse pecado e o contexto em que ele viveu. Assim, não devemos julgá-lo ou aos outros, sabendo que todos nós somos capazes de pecar. Devemos ser rápidos a empatizar e perdoar, para que, perdoando aos outros e julgando-os dignos da vida eterna, possamos vir a perdoar a nós mesmos e julgar-nos a nós mesmos dignos da vida eterna. Ao mesmo tempo, devemos lembrar-nos que o pecado destrói a nossa capacidade de fazer isso; ele engana-nos e faz-nos elevar a nós mesmos e não a Deus.

Filhinhos, que ninguém vos engane; quem pratica a justiça é justo, assim como Ele é justo. Aquele que comete pecado é do diabo; pois o diabo peca desde o princípio. Para isso o Filho de Deus se manifestou, para destruir as obras do diabo. Todo aquele que é nascido de Deus não comete pecado, porque a sua semente permanece nele; e não

pode pecar, porque é nascido de Deus. Nisto se manifestam os filhos de Deus, e os filhos do diabo: quem não faz justiça não é de Deus, nem aquele que não ama a seu irmão. (I João 3:7-10)

Em tudo isto, nunca devemos esquecer a pecaminosidade do pecado, como ele é destrutivo e como distorce e destrói tudo ao seu redor. Devemos apegar-nos ao nosso Deus e ser sempre gratos pelo dom do Seu Filho a nós, para viver em nós a Sua vida. Devemos fugir do pecado ou lutar para superá-lo, por responsabilidade diante de nós mesmos e para aqueles ao nosso redor. Se cairmos em pecado e olharmos para trás como Sansão, lembremo-nos que a misericórdia de Deus é eterna e peçamos a Deus o arrependimento divino do tipo que Sansão teve, não a tristeza do mundo, que é muito comum.

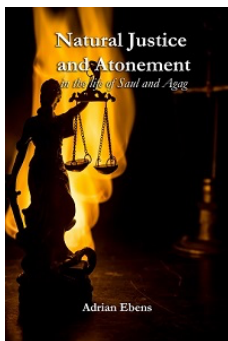
Pois a tristeza de Deus opera o arrependimento para a salvação, da qual ninguém se arrepende; mas a tristeza do mundo opera a morte. (II Cor 7:10)

Nunca devemos esquecer o que o pecado fez ao nosso salvador Cristo e sempre lembrar que só através da Sua vida, que Ele nos deu, é que qualquer um de nós pode vencer.

A história de Sansão transmite uma lição para aqueles cujos caracteres ainda não estão formados, que ainda não entraram no palco da vida activa. Os jovens que entram nas nossas escolas e faculdades encontrarão ali todas as classes de mentes. Se eles desejam o desporto e a insensatez, se eles procuram evitar o bem e se unem ao mal, eles têm a oportunidade. O pecado e a rectidão estão diante deles e eles devem escolher por si mesmos. Mas que se lembrem que “Tudo o que um homem semear, isso também colherá”. Quem semeia para a carne, da carne ceifará a corrupção; mas quem semeia para o Espírito, do Espírito ceifará a vida eterna. ST 13 de outubro de 1881, par. 20

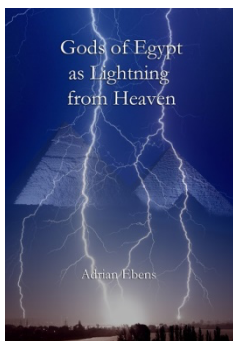
“Porque o salário do pecado é a morte; mas o dom de Deus é a vida eterna por Jesus Cristo nosso Senhor”. (Romanos 6:23)

Justiça Natural e Expição



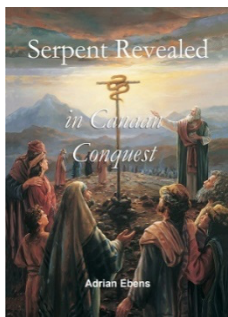
Por que Deus ordenou a Saul que matasse toda a nação dos amalequitas, incluindo todos os bebês? Como isso se reconcilia com a ordem de Jesus de amar os nossos inimigos? Os pensamentos de Deus não são os nossos pensamentos e a justiça de Deus não é a nossa justiça, mesmo quando pensamos que é? Como é que Deus alcança as pessoas presas a uma ideia errada de justiça e expiação? Esta compilação é um companheiro perfeito para o livro que tem em mãos.

Deuses do Egito como relâmpagos do céu



A Bíblia contém vários exemplos de sentenças de condenação à morte por apedrejamento por suas transgressões. De onde veio esta prática? Deus introduziu esta ideia a Moisés ou veio de alguma outra fonte. É possível que os julgamentos que recaíram sobre Israel tenham-se relacionado com suas ideias de julgamento, em vez de serem do próprio Deus? O pecado do bezerro de ouro mudou alguma coisa no relacionamento entre Deus e Israel? É importante saber? Àquele que tem ouvidos, que o ouça.

Serpente Revelada na Conquista de Canaã



Como conciliar a matança maciça de nações por Israel com a espada contra as palavras de Cristo?

...pois todos os que pegarem na espada perecerão pela espada.

Não só homens, mulheres e crianças também:

Deut. 2:34 E tomamos todas as suas cidades naquele tempo, e destruímos totalmente os homens, e as mulheres, e os pequeninos de cada cidade, não deixámos nenhuma para ficar:

Alcançar Sansão

Princípios para o ensino de mentes obscurecidas

Se Deus é todo-poderoso, porque é que Ele não conquistou Canaã aos israelitas, sem que eles tivessem de ir para a guerra?

Se Canaã era a terra prometida, porque é que a história daquele povo, uma vez conquistada, foi tão negra?

Como é que Deus continua a alcançar pessoas que não confiam Nele e não ouvem os Seus conselhos? Será que Ele simplesmente as descarta?

Há grandes lições para nós no estudo de como Deus lidou com os nossos antepassados, os quais foram influenciados pelo Egito. Este livro é especialmente para aqueles que lidam com amigos íntimos e familiares que decidem tomar um caminho que pensamos ser autodestrutivo. Como alcançá-los? O que faria o nosso Pai Celestial?